



GT 14: Religiosidad, creencias y prácticas asociadas

DÁDIVA E RECIPROCIDADE: RITUAIS RELIGIOSOS E FESTIVOS NA VIDA CAMPONESA

Josiane Carine Wedig¹
Renata Menasche²

As nossas festas são o movimento da agulha que serve para ligar as partes da armação do telhado de palha, para não fazer senão um teto único, senão uma única palavra. São as mesmas coisas que regressam, o mesmo fio que passa (Mauss, 1988, p.87).

RESUMO

Partindo do entendimento de que os rituais religiosos e festivos falam da vida e da organização social, este estudo dirige o olhar para rituais deste tipo em comunidade camponesa, buscando identificar as relações de dádiva e reciprocidade que esses envolvem. Percebemos que esses eventos possibilitam apreender os arranjos do sentir, do viver e do agir, além das classificações e hierarquizações constituídas pela comunidade. É também por meio desses rituais que torna-se possível entender as transformações mais amplas do universo camponês, as reelaborações do passado no presente. Centramos nossa análise na *Festa de Ação de Graças* ou *Festa da Colheita* (como conhecida pelos camponeses do lugar estudado, uma comunidade rural conformada por descendentes de imigrantes alemães, situada no Rio Grande do Sul, Brasil), em que os alimentos produzidos são levados ao altar do templo religioso e oferecidos a Deus em celebração, de modo a retribuir a graça divina pela fartura da colheita anual. Ofertar, compartilhar, comer, beber e festejar: nisso constitui a celebração de ação de graças, momento dedicado ao sagrado em que a vida coletiva é realimentada.

Palavras-chave: campesinato, rituais, reciprocidade.

INTRODUÇÃO

¹ Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais (UFPel), Mestranda em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS). Bolsista Capes. E-mail: josi_wedig@yahoo.com.br

² Doutora em Antropologia Social (UFRGS). Professora do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) E-mail: renata.menasche@pq.cnpq.br

Os rituais religiosos e festivos são uma constante nas comunidades camponesas, como têm apontado diversos estudos, alguns dos quais farão parte da análise que se segue.

Partimos do entendimento de que os rituais festivos e religiosos falam da organização social de uma comunidade rural e, nesse sentido, buscamos entender como esses rituais são constitutivos da sociabilidade camponesa. Compreendemos que as transformações mais amplas da agricultura podem também ser observadas através destes rituais, que, reelaborados, evidenciam adaptações a espaços e tempos distintos daqueles em que foram gestados. Assim é que tomamos como inspiração o estudo realizado em contexto francês, por Champagne (1977), em que o autor estuda as transformações ocorridas nos valores e nos modos de vida camponeses no que concerne às práticas “tradicionais”³ e àquelas importadas do “exterior”, tomando como objeto de estudo as festas locais, na medida em que entende que as festas comunitárias camponesas exprimem sua unidade e integração, bem como as mudanças que as afetam.

Assinalamos que nos rituais festivos e religiosos expressam-se, também, as relações de gênero e geração, através de hierarquias em que o envolvimento da família e da comunidade no desempenho de tarefas preparatórias da festa toma como referência a posição ocupada por cada um dos elementos no sistema familiar, ocorrendo uma divisão das esferas de intervenção de homens e mulheres, bem como entre membros de diferentes gerações, estabelecida nas tarefas produtivas, projetando-se para as festividades.

É assim que às mulheres, no interior da casa e mais precisamente da cozinha, cabem as tarefas de preparação da refeição ritual, exceto o churrasco, esse sempre preparado pelos homens. Sobre as mulheres, concentram-se os comentários sobre a qualidade dos alimentos cozidos e é aí que está em jogo seu prestígio. Do mesmo modo, a qualidade da carne servida nos rituais dos dias de domingo ou de festa, fala da honra e prestígio do pai de família. Essas classificações traduzem algumas das múltiplas formas de hierarquização que são realizadas entre os camponeses pesquisados e que ordenam simbolicamente a comida relacionada a pessoas nos momentos cotidianos e rituais.

³ Os trechos em itálico são empregados na grafia de palavras, expressões e trechos de depoimento de interlocutores da pesquisa. Já as aspas são utilizadas para evidenciar noções e conceitos trazidos da bibliografia estudada, assim como para destacar termos.

A religiosidade, do mesmo modo que as festividades, é um elemento fortemente marcador de traços culturais e organização social da comunidade. Como pudemos observar no campo de pesquisa, quando perguntávamos aos moradores do local quantas famílias viviam na comunidade, os interlocutores apontavam sempre que era necessário ver no livro da Igreja para saber exatamente quantas eram, associando, desse modo, a própria comunidade ao pertencimento à Igreja. Na comunidade estudada, com exceção de poucas famílias católicas, a grande maioria pertence à IECLB⁴. A valorização da Igreja pode ser também observada no interior das casas, mais especificamente atentando à presença constante do calendário⁵ – que fica exposto em um local importante de convívio da família, geralmente no espaço da cozinha, sendo freqüentemente consultado – em que são destacadas as atividades (inclusos cultos e festas) a serem realizadas ao longo do ano pela Igreja. A Igreja ocupa, assim, posição social central na comunidade, na família e na vida das pessoas dali.

A festa e a religiosidade apresentam-se igualmente como um modo privilegiado de organização em torno do princípio da reciprocidade, como proposto por Mauss (1988). Para este autor, este princípio vai para além da troca, referindo-se ao ritual da troca como mais importante que as coisas trocadas em si, já que não se trocam apenas coisas economicamente úteis, mas antes de tudo gentilezas, banquetes, ritos, danças, festas, etc. A reciprocidade está alicerçada no movimento de dar, receber e retribuir, constituindo laços sociais, alicerçado na obrigação, associada à liberdade de retribuir. É assim que observamos na comunidade pesquisada como as festas comunitárias alimentam laços de sociabilidade entre os membros da própria comunidade e desses com os de outras comunidades próximas, a quem são oferecidos convites de participação das festas, abundância de comidas, danças, alegrias, que serão novamente retribuídos.

DA COMUNIDADE E DA PESQUISA DE CAMPO

A localidade rural em que a pesquisa foi realizada denomina-se Fazenda Lohmann e está situada no interior do município de Roca Sales, na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. A observação participante e entrevistas foram, em um primeiro momento, realizadas no período compreendido entre 2004 e 2005, no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “A multifuncionalidade da agricultura familiar

⁴ Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

⁵ Calendário elaborado pela Igreja, contendo todas as atividades do ano, realizadas por esta e distribuídos para todas as famílias da paróquia.

à mesa: hábitos alimentares e produção para o autoconsumo, identidade e estratégias de reprodução social de famílias rurais” (CNPq 503566/03-09) e teve continuidade em 2007 e 2008, a partir de uma pesquisa de mestrado, por sua vez articulada ao projeto de pesquisa “Percepções do rural: um estudo a partir da Antropologia da Alimentação” (CNPq 400348/2006-3).

A constituição étnica fortemente predominante na comunidade pesquisada é de descendentes de imigrantes alemães, informação que consideramos importante na medida em que corroboramos com Gaviria e Menasche (2006) que, em estudo realizado na mesma região, apontam que a identidade étnica é ali constantemente invocada pela utilização dos dialetos, por meio dos quais se realizam os assuntos cotidianos e a sociabilidade local, assim como se manifestam os valores que perpassam as relações sociais, evidenciando a associação entre esses elementos identitários e um modo de vida rural.

O número de famílias que constitui a comunidade é difícil de precisar, já que o que é entendido como comunidade de Fazenda Lohmann para as administrações públicas municipais⁶ não coincide com os pertencimentos estabelecidos na classificação das famílias membros da comunidade⁷. Numa aproximação entre essas duas classificações, pode-se identificar em torno de 120 famílias pertencentes a Fazenda Lohmann.

A disposição do centro da vida comunitária, está organizada da seguinte forma: a Igreja ocupa o lugar central, ao seu lado localiza-se o cemitério, uma casa comercial, um bar com cancha de bocha. Em frente a ela, vemos o salão comunitário (onde são realizadas as festas, os encontros da OASE, do Clube de Mães etc). Ao lado do salão, está a antiga escola comunitária⁸ (que hoje está desativada e serve de residência para uma família, que paga aluguel para a Associação de Pais e Mestres, que continua ativa e busca conservar o espaço físico da escola como bem da comunidade). Atrás do salão, o campo de futebol. Cabe comentar que os espaços comunitários (Igreja, escola, salão, campo de futebol) foram construídos coletivamente e têm diretorias eleitas. Além dessas, existem ainda as organizações comunitárias correspondentes à água e ao telefone rural comunitário, sendo que a da água é referente a dois poços que foram perfurados

⁶ Fazenda Lohmann situa-se na fronteira dos municípios de Roca Sales e Colinas.

⁷ Para essa discussão, cabe lembrar a distinção entre “território dado” e “território constituído” (ver: Haesbaert, 2004).

⁸ Depois do fechamento da escola comunitária, as crianças passaram a serem transportadas, pelo ônibus da prefeitura, para escolas localizadas na cidade de Roca Sales.

coletivamente e que hoje fornecem água potável para toda a comunidade, enquanto que com relação ao telefone rural comunitário, há uma central telefônica, que recebe as ligações eletronicamente e as repassa para os ramais instalados na comunidade. Há, ainda, o coral comunitário, fundado em 1914.

Na comunidade de Fazenda Lohmann, existem apenas pequenas propriedades. O trabalho na agricultura se dá para a produção de alimentos para o consumo familiar e também para a comercialização. Entre os itens destinados ao consumo familiar, são destacados mandioca, batata-doce, abóbora, além da criação de galinhas caipiras (para carne e ovos), vacas (para leite e derivados), porcos e bovinos (para carne). Para a comercialização, considerável número de famílias participa do sistema de integração de criação de porcos e aves para agroindústrias, assim como realiza produção de leite destinada à indústria de laticínios, produção mecanizada de milho e soja, além de produtos que são vendidos para *conhecidos* que vêm da cidade, como, por exemplo, o melado, produzido a partir da cana-de-açúcar por algumas famílias (Menasche e Schmitz, 2007).

Assim como vem acontecendo em outras regiões de agricultura colonial do sul do País, em Fazenda Lohmann tem ocorrido, nas últimas décadas, um processo de redução e envelhecimento – e, vale também mencionar, “masculinização” – da população rural, resultante da migração de famílias e jovens do campo para a cidade, bem como da diminuição do número de filhos(as) por família. Observou-se que, na comunidade estudada, a população é constituída por um número significativo de agricultores e agricultoras aposentados(as)⁹. Do mesmo modo, verificou-se a quase ausência de jovens no trabalho agrícola, dado ser comum que mesmo quando residem na casa paterna dedicam-se a ocupações não-agrícolas.

RITUAIS FESTIVOS E RELIGIOSOS

Como nos ensina Peirano (2003), em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais, sendo que para estes não há uma definição rígida e absoluta, não podendo sua definição ser antecipada. Antes, é preciso que tal definição seja “etnográfica”, ou seja, apreendida pelo pesquisador em campo, junto

⁹ Em estudo anteriormente realizado na comunidade, Menasche e Schmitz (2007) destacam a ocorrência de aposentadoria(s) como componente da renda em mais da metade das famílias rurais estudadas, comentando, ainda, que “à exceção de um único casal mais jovem, a faixa etária média dos casais que constituem as vinte famílias rurais de Fazenda Lohmann estudadas seria de 55-60 anos para os homens e 50-55 anos para as mulheres”.

ao grupo observado. É isso a que nos propomos ao pesquisar as festas camponesas, que se caracterizam enquanto eventos especiais, ou seja, não-cotidianos, do grupo. Peirano (*op. cit.*) salienta ainda que os rituais podem ser de naturezas diversas – profanos, religiosos, festivos, formais, informais –, neles combinando-se palavras e ações. A autora enfatiza que aquilo que encontramos em um ritual está também presente no dia-a-dia e vice-versa, já que, através do ritual, expandem-se e ressaltam-se representações e valores de uma sociedade, presentes em seu cotidiano em manifestações muitas vezes mais sutis.

Destarte, rituais festivos e religiosos apresentam-se como bons para pensar, podendo-se, através deles, apreender mudanças e permanências na vida do grupo estudado.

Ao longo do texto, referimo-nos por vezes aos rituais festivos e, em outros momentos, aos religiosos. Salientamos, no entanto, que no universo camponês pesquisado eles não estão dissociados: todas as festas da comunidade são antecedidas por rituais religiosos e, desse modo, tomamo-los como complementares.

Os rituais festivos e religiosos têm dinâmicas próprias, constituindo-se como atos coletivos “extra-ordinários”, “extra-temporais” e “extra-lógicos”, espaços em que se interligam elementos do comer, beber, partilhar e alegrar-se e, nesse sentido, neles se realizam consumação, dispêndio, sacrifício, troca-dom, reciprocidade, ou seja, o ato mesmo de produção da vida (Perez, 2002). Nessa acepção, a festa é um espaço privilegiado de circulação de alimentos, da dádiva da oferta desses a vizinhos, parentes, amigos e também à divindade. A comida da festa, muito mais do que a comida do cotidiano, é feita com todo o esmero e investe-se de fundamental importância para quem a prepara, já que a partir dela estará exposto(a). Assim como afirma Da Matta (1987), é a qualidade da comida servida com capricho e de maneira farta, que vai exprimir a consideração com os convidados (humanos e divinos).

Pode-se, então, tal como Tedesco e Rosseto (2007, p.19), entender a festa

como momento de situações profanas e sagradas, relacionais e grupais; em última instância, comunitárias; é o passado, ou algo do passado cotidiano e tradicional que busca manter e atualizar significações, expressar relações simbólicas, formatos societais, hierarquias, posições sociais, performance de grupos étnicos nacionais que buscam fortalecer um sentimento próprio de si mesmos, porém em correlação.

A partir desse entendimento, a festa define também identidades, construídas a partir da inter-relação entre o “tradicional” e “moderno”. Entendemos, por fim, como

sugere Brandão (1989), a festa como bricolagem: de ritos, folguedos e festejos de devoção e de pura e simples diversão.

O CALENDÁRIO DE CELEBRAÇÕES FESTIVAS E RELIGIOSAS EM FAZENDA LOHMANN

As festas civis são em grande número no Brasil, mas, além dessas, podemos encontrar muitas festividades específicas a municípios e localidades. Em Fazenda Lohmann, pudemos registrar um amplo calendário de festas e celebrações coletivas, que, entre o plantio e a colheita, compõem o ano desses camponeses. Desse modo, podemos observar a integração do calendário agrário ao calendário religioso e festivo.

Se, por um lado, a maioria das festas que ocorrem na comunidade em questão são celebrações coletivas, temos que, por outro, ocorrem, mesmo que de forma menos freqüente, as celebrações familiares, domésticas. Todas essas festas – excetuando-se excepcionalmente alguma promovida pela Prefeitura Municipal (como a Festa do Suíno, realizada a cada ano em uma localidade rural diferente no município) – são essencialmente locais, isto é, reúnem principalmente as pessoas residentes na comunidade e os parentes que vêm de fora, constituindo-se naquilo que Champagne (1977) denominou de festas “entre si”, marcadas por um caráter familiar parental. Todas as festas são igualmente organizadas por diretorias locais, “para” e “pela” comunidade, bem diferentes das festas acessadas pelos jovens nas cidades e que são organizadas por profissionais da festa. Essa característica familiar entre as festas da comunidade pode ser percebida durante os festejos: nos comentários, os convivas são identificados como *parentes* ou *conhecidos* de alguém que pertence à comunidade.

Os bailes de Fazenda Lohmann são mais freqüentados pelos camponeses mais velhos e já bem menos pelos jovens, que preferem as festas urbanas, em que as danças são mais individualizadas, ouvem música eletrônica, em um ambiente de meia-luz iluminado por luzes coloridas, bem diferente do observado nos bailes da comunidade, em que a luz permanece acesa toda a noite, o que possibilita que os comportamentos estejam, de certo modo, sob a vigília da comunidade.

As maneiras de dançar também se diferenciam, a partir daquilo que Bourdieu (2006) denominou de *hexis corporal* do camponês, referente a um “jeito camponês”, caracterizado pela rudeza, carregando os traços relacionados às atitudes e atividades associadas à vida camponesa, que apontam para uma dança

com uma postura mais ereta, “mais dura”, enquanto que os movimentos das danças urbanas seriam mais “leves”, agitados e flexíveis.

As músicas de *bandinha* (ritmo que perpassa os bailes da comunidade e que costumeiramente chama-se de ritmo de *baile de alemão*) e *gauchescas*, presentes até hoje nas festas na comunidade, são – nas cidades próximas, a cada final de semana – substituídas pelos jovens pelo ritmo eletrônico e funk, ritmos que correspondem a valores urbanos, difundidos pelos meios de comunicação.

Mesmo com essas mudanças com relação à participação dos jovens, as festas na comunidade continuam a organizar-se e percebe-se ali que, assim que um casal muito idoso abandona a organização dessas festas, algum jovem casal passa a assumir as responsabilidades junto à comunidade. Passam-se também a criar adaptações organizativas¹⁰, a fim de que não deixem de ser organizadas as festas e conseqüentemente, realimentados os laços sociais.

Como já apontado, são muitas as festas realizadas em Fazenda Lohmann. A seguir, mencionamos um conjunto de festas que são ali organizadas de forma coletiva e que reforçam laços de identidade cultural entre os moradores e famílias da comunidade.

Calendário de festas em Fazenda Lohmann ¹¹

Festas	Comidas Servidas	Grupo Organizador	Datas
Baile de <i>Kerb</i> (baile noturno)	Cuca, lingüiça, batatinha frita, bebidas ¹² .	Diretoria da comunidade (Igreja)	8 dias antes do carnaval
Festa da Confirmação de Ouro e Prata (almoço)	Carnes, molho, massa, cuca, saladas diversas, bebidas.	Diretoria da comunidade (Igreja)	Março
Baile de São João (jantar baile)	Carne de rês, galeto, salsichão, maionese, aipim, massa, molho, saladas diversas, bebidas (jantar). Pipoca, pinhão, torta e pastel, quentão.	Clube de Mães	Junho
Festa de Ação de Graças	Meio galeto, saladas diversas, pão, cuca,	Diretoria da comunidade	Julho

¹⁰ Temos por exemplo, a festa de Kerb que durava três dias até a década de 1980, hoje é realizada apenas em um dia, final de semana, já que o tempo é outro para muitos moradores dali que passaram a seguir o tempo da indústria em razão de suas atividades.

¹¹ Tabela construída coletivamente em reunião do Clube de Mães, no salão da comunidade.

¹² Quando nos referimos a bebidas, entenda-se cervejas e refrigerantes.

(almoço / leilão de produtos da terra)	bebidas.	(Igreja)	
Festa da OASE (chá da tarde)	Doces e salgados. Pão de milho, café.	OASE	Agosto
Baile de Corais (jantar baile)	Carne de rês, lingüiça, massa, ovo, salsichão, bebidas.	Diretoria da comunidade (Igreja)	2º sábado de Setembro
Celebração de Advento (chá da tarde)	Cuca, sanduíches, rosca, bolo, chá.	OASE	Dezembro, período que antecede o Natal
Baile de Reveillon (jantar baile)	Churrasco, salsichão, saladas diversas, bebidas.	Coral	31 de Dezembro

Todas as festas que ocorrem comunitariamente em Fazenda Lohmann, envolvem momentos anteriores (dias ou semanas) em que as pessoas das diretorias da comunidade se juntam, conjuntamente a seus cônjuges e às vezes também seus filhos, para preparar a festa. Salienta-se que esta não é uma atividade remunerada, todos trabalham gratuitamente pela comunidade, sendo que cabe mencionar que participar das diretorias envolve honra e prestígio.

As atividades realizadas pela diretoria organizadora de cada festa são:

- o ritual de *carnear*¹³ para a festa, sempre ocorre dois ou três dias antes da festa na casa de um dos membros da comunidade, daquele que tem os instrumentos necessários para a realização da atividade ou do que vendeu para a comunidade o boi ou porco gordo que será *carneado*. A atividade ocorre durante o período de um dia, quando se juntam de quatro a cinco casais, que deixam toda a carne *pronta* para o dia da festa;

- envio de convites para outras comunidades;

- nos dias que antecedem a festa, pessoas das diretorias passam pelas casas da comunidade, a fim de recolher doações de produtos necessários para preparar a comida (banha, sal, açúcar, vinagre, farinha, ovos, manteiga, nata, fermento, óleo, etc), onde cada família doa algo de acordo com a disponibilidade desses produtos em casa. O que faltar para a preparação da comida é adquirido no supermercado da cidade.

- algum membro da diretoria também passa nas casas das famílias da comunidade para vender fichas para almoço ou jantar;

¹³ *Carnear* é o ritual de abater um animal, em geral gado ou porco. Nestes momentos reúnem-se amigos, vizinhos e/ou parentes que *ajudam* a realizar o trabalho neste dia referente ao preparo da carne e derivados.

- no dia anterior à festa, os homens colocam as bebidas (adquiridas nos mercados locais) para gelar;

- as mulheres se juntam para a confecção coletiva dos pães e cucas, produzidos no salão da comunidade no dia anterior à festa. São elas também que preparam as saladas (que muitas vezes são compostas por legumes e verduras que vêm de suas hortas caseiras, ou então são compradas do *batateiro*, que passa semanalmente pela comunidade), destacando-se principalmente o *Kartofel Salat* (salada de batatas), que *não pode faltar*;

- no dia da festa, os homens assam e servem o churrasco, no salão da comunidade, além de também ficarem responsáveis pelas bebidas (espaço da churrasqueira e copa); as mulheres preparam e servem as saladas, as cucas e pães (espaço da cozinha);

- após a festa, cabe ao mesmo grupo limpar o salão da comunidade.

Observa-se na festa uma clara separação de trabalho por gênero, situação que também é observada no cotidiano. Igualmente, no salão de festas há a separação dos espaços que envolvem o trabalho feminino (a cozinha) e masculino (churrasqueira e copa). Nas mesas e na pista de dança é que se encontram homens e mulheres, para partilhar o comer e o dançar.

Todas as pessoas contribuem com a comunidade, com serviços e doações, a fim de manter o espaço do salão, da escola comunitária, da Igreja, do campo de futebol, bem como do coral, da OASE, do time de futebol, do clube de mães, do culto infantil, ou seja, dos espaços físicos e das relações sociais que ali se estabelecem. Todas essas relações são alimentadas pelo princípio da dádiva e reciprocidade.

DÁDIVA E RECIPROCIDADE: CIRCULAÇÃO DA COMIDA E REAFIRMAÇÃO DOS LAÇOS SOCIAIS

A reciprocidade e a dádiva são apresentadas por Mauss (1988) enquanto ordem moral que perpassa as relações sociais e que pode ser traduzida pela obrigação, ligada à liberdade de dar, receber e retribuir. Observamos que essas relações estão presentes na vida dos camponeses por nós pesquisados, principalmente na realização de trabalho em épocas de plantio e colheita, as chamadas *épocas de pico*, bem como no ritual do *carnear*, nas festas familiares e comunitárias, nas visitas, na doação de alimentos etc.

A reciprocidade e a dádiva podem ser entendidas como uma linguagem que fala da família, da honra do pai e da mãe de família, relacionadas, como diz

Woortmann (1990), a uma ética e moralidade camponesas. Essa ética pode ser observada entre os agricultores estudados na medida em que, mesmo estando fortemente inseridos na economia de mercado e apresentando propriedades altamente tecnologicizadas, permanecem mantendo relações de troca, de reciprocidade e dádiva, como pode ser notado no que discutimos anteriormente, a respeito da organização das festas comunitárias, mas também nos relatos que ouvimos sobre trocas de tempo de trabalho nas lavouras, de alimentos, de auxílios no momento de *carnear*, etc. Na maioria das atividades realizadas, ocorrem *ajudas* entre vizinhos, que sempre são retribuídas.

Tivemos um exemplo emblemático disso em uma propriedade visitada, em que residem duas mulheres. Elas contam que o vizinho *planta a roça* delas com máquina (trator) que ele possui, e elas retribuem com alimentos do quintal (abóboras, mandioca, legumes e verduras), além de permitir que uma parte da terra delas ele *plante pra si. Sempre nos ajudamos em tudo, e costumamos nos juntar pra comer juntos na sombra das árvores que dividem as propriedades e onde instalamos uma mesa de madeira com banco* (Veleda¹⁴, 60 anos, agricultora aposentada). É assim que ressaltamos, tal qual Woortmann (1990) que essas trocas, além do aspecto prático, possuem também um aspecto simbólico. Nelas não é produzido apenas o roçado, mas a comunidade e, poderíamos dizer, também a vizinhança e o parentesco.

Existem na comunidade de Fazenda Lohmann casais já aposentados, ou viúvas, os quais são auxiliados - por parentes ou vizinhos, que possuem maquinaria- no plantio de suas roças (em geral cultivos de soja e milho). Este serviço nunca é realizado por *estranhos*, ao contrário, são sempre chamados os mais próximos, sendo estabelecidos e mantidos os laços de reciprocidade. Mesmo que seja pago em dinheiro ou em parte da produção, esse trabalho é sempre percebido, por um lado, enquanto *ajuda* ao contratante, que não pode realizar sozinho a produção, e por outro, é também *ajuda* ao contratado, já que cobre parte dos gastos de manutenção do maquinário.

Quando alguma família deixa de produzir determinado alimento, geralmente acaba adquirindo-o ou trocando-o com alguma outra família que o produz na localidade, num processo que pode ser entendido como aquele “que de algum modo

¹⁴ Os nomes aqui utilizados são fictícios, de modo a preservar a identidade dos interlocutores ouvidos para esta pesquisa.

atualiza a tradicional circulação de alimentos entre vizinhos” (Wagner *et al.* 2007, p.64).

Observam-se, ainda, na comunidade os grupos de jogos (de loto, de dominó, de cartas) que se encontram freqüentemente, em rodízio entre as casas dos participantes. Aquele que recebe os parceiros de jogo em casa, deve servir comida, sempre abundante, pois ali também está em questão o prestígio da família anfitriã frente os convivas.

A comida é o principal elemento constitutivo das relações de dádiva e reciprocidade, que se expressam não somente a partir da troca de alimentos, mas igualmente na comensalidade, na sociabilidade proporcionada pela comida, na honra que envolve apresentar fartura de alimentos para familiares, parentes e vizinhos.

O valor de uso da comida não se limita às suas qualidades alimentícias, ela envolve também suas qualidades como linguagem, uma linguagem que fala do pai, da família, do trabalho, da honra e da hierarquia (Woortmann, 1990, p.59).

Sugere-se assim, tal como Marques *et al.* (2007), que da agricultura e da comida emanam diálogos como a troca e a doação de alimentos, relacionados à sociabilidade e identidade dos grupos sociais.

Há alguns anos as trocas de alimentos entre as famílias rurais de Fazenda Lohmann era muito maior, sendo poucas coisas adquiridas nos mercados. A circulação de dinheiro era bem menor, ainda que comercializassem seus produtos, muitas vezes eles acabavam sendo trocados, na própria venda, por outros bens de consumo.

Um dos casos emblemáticos da circulação de comida é (em proporções muito maiores do que na atualidade) o da carne bovina, que no período anterior à difusão das geladeiras e freezers era de difícil conservação, sendo então transformada em charque ou defumada. Mas, para que houvesse acesso mais freqüentemente a carne fresca, quando um animal era abatido, distribuía-se a carne entre os vizinhos, que retribuíam em outra ocasião, o que permitia às famílias, além da carne fresca, a manutenção dos laços de sociabilidade (Menasche e Schmitz, 2007).

Atualmente, mesmo com o uso de muitas tecnologias de conservação de alimentos, as trocas acontecem, pois, como chamaram atenção as autoras supra citadas, para além de terem carne fresca, eram alimentados também os laços de sociabilidade.

Muitas das relações de reciprocidade que envolvem alimentos ocorre entre pais que continuam a residir no interior e filhos que migraram para a cidade, reforçando os laços familiares, impedindo que a distância faça com que se rompam.

Atualmente, há muita facilidade de acesso aos alimentos disponibilizados no comércio. Percebe-se, no entanto, que os agricultores continuam produzindo alimentos que, além de suprir o abastecimento familiar, reafirmam, através da reciprocidade, laços de sociabilidade.

As festividades ocupam espaço destacado na circulação da comida e da realimentação dos laços sociais, pois, como ensina Lameiras (1997), a festa é um importante acontecimento de circulação de alimentos, a vida é em partes orientada pela dádiva alimentar no relacionamento social dos moradores, com a vizinhança, o exterior e a divindade.

Deste modo é que entendemos que convidar as pessoas para comer em casa ou, no caso das festas comunitárias, no salão da comunidade, tem um significado simbólico-ritual, já que a intenção não é alimentar somente os corpos biológicos, mas sim alimentar e reproduzir relações sociais. É assim, que o ato de convidar, implica igualmente que sejamos convidados, reproduzindo-se também nessas ocasiões, o princípio da reciprocidade e da dádiva (Woortmann, 1985).

Tendo em conta esses elementos, passaremos a deter a atenção na Festa de Ação de Graças ou Festa da Colheita (como conhecida pelos camponeses de Fazenda Lohmann), em que os alimentos produzidos são levados ao altar do templo religioso e oferecidos a Deus em celebração, de modo a retribuir a graça divina pela fartura da colheita daquele ano.

A FESTA DE AÇÃO DE GRAÇAS E A RECIPROCIDADE COM DEUS

Graças à dádiva da vida, da força concedida à terra, pela força no trabalho e pelo pão de cada dia...Viemos a fim de colocar diante de Deus um pouco do que plantamos e do que colhemos (palavras proferidas pela pastora na abertura do Culto de Ação de Graças, em 2008).

Todas as festas identificadas na comunidade de Fazenda Lohmann têm relação com o sagrado, em especial a Festa de Ação de Graças. A presença do divino materializa-se no dizer dos camponeses, na produção, na colheita ou na ausência dela. A festa comunitária é realizada com o objetivo de agradecer as graças concedidas por Deus, ou seja, a intervenção divina em defesa da colheita e da abundância. Também a terra é aqui entendida como dádiva de Deus.

A idéia de reciprocidade que se expressa nesta festa está ligada à obrigação de dar, receber e retribuir, como analisada por Mauss (1988), para quem essas relações referem-se ao princípio organizador do relacionamento dos homens tanto dentro como fora da comunidade e a partir da qual também se alargam as relações com a divindade.

A Festa de Ação de Graças ocorre anualmente, no mês de julho, na comunidade estudada. É para esta celebração que os agricultores selecionam e destinam os melhores produtos colhidos durante o ano, para que sejam levados ao altar do templo religioso e ali ofertados a Deus como retribuição pela colheita abençoada por ele naquele ano. Mesmo quando a colheita não é boa, em razão de alguma intempérie (seca, granizo etc), a festa não deixa de ser celebrada e acaba sendo um momento de oferecer a Deus e aguardar a dádiva da boa colheita para o ano seguinte. A benção divina é retribuída com a oferta de alimentos, que são trazidos ao altar e leiloados durante a festa, sendo os recursos obtidos revertidos para a Igreja.

A Celebração de Ação de Graças inicia-se pela manhã. As pessoas chegam cedo e antes de iniciar o culto dirigem-se ao altar e nele dispõem os produtos da terra. Cabe observar que, nos últimos anos, como narrado pelos agricultores e como pudemos observar na festa que participamos, nem todos os produtos ofertados são da roça, do potreiro ou do quintal: algumas pessoas trazem alimentos industrializados, seja por residirem na cidade, seja por não cultivarem a terra, dependendo de salários originários de ocupações não-agrícolas ou de rendimentos provenientes de aposentadorias. Ainda assim, a maior parte dos produtos ali ofertados são produzidos pelos agricultores da localidade.

Após o toque dos sinos pela terceira vez¹⁵, o culto inicia-se com a saudação da pastora, que fala da dádiva da vida, da força concedida à terra, da força para o trabalho e do pão de cada dia.

A mesa, com diversos produtos, está posta no altar. Como nos relata Cristina (70 anos, agricultora), *há alguns anos as pessoas deviam oferecer somente os produtos colhidos na roça e hoje muitas pessoas já levam produtos industrializados*, de onde podemos observar mudanças que vêm se refletindo no

¹⁵ O sino badala três vezes dentro do período de uma hora: a primeira é para anunciar o culto, antecedendo o culto em uma hora, em seguida, meia hora antes do início do culto, é novamente entoado para avisar a chegada do pastor e, por último, toca convidando as pessoas a adentrarem o templo. O sino na comunidade tem o objetivo de aviso, é a partir dele que a comunidade fica sabendo dos cultos, casamentos e velórios, bem como da hora do “despertar” (às seis horas), do meio-dia e da hora de “recolher”, ou de voltar da roça (às dezoito horas). Também toca na passagem de ano.

meio rural a partir da alimentação, mas ao mesmo tempo vemos a convivência entre elementos antigos e elementos da modernidade, com a manutenção das celebrações e encontros comunitários.

Os produtos doados pelos agricultores para o leilão são diversos e ofertados em grande quantidade. Citam-se os que têm origem na *roça* e no *quintal*: ovos, mel, banha, amendoim, mandioca, peixe, galinha com pintos, feijão branco, nozes, batata-doce, couve, carne moída, costela, limão, cenoura, repolho, vassoura de palha, etc. Os *feito em casa*: tortas, galinha recheada, salame, queijo, cuca, pão, lingüiça, *cueca virada*¹⁶, manteiga, melado, schmier. E aqueles que tem origem no *comércio*: porta-cuia, livro de culinária, farinha de trigo, açúcar cristal, arroz parbolizado, feijão, sal, farinha de mandioca.

A pastora procede à benção dos alimentos trazidos e que mais tarde serão leiloados pelos agricultores. Durante o culto, são lidas inúmeras parábolas bíblicas referentes a classificações que associam alimentos e pessoas, como a história do joio e do trigo, lida pela pastora e de onde destacamos alguns trechos:

O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo; mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo e retirou-se. E, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio. Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Onde vem, pois, o joio? Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso. Mas os servos lhe perguntaram: Queres que vamos e arranquemos o joio? Não! Replicou ele, para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo. Deixai-os crescer juntos até a colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro. (Bíblia Sagrada, Mateus capítulo 13. 24-30)

Então, despedindo as multidões, foi Jesus para casa. E, chegando-se a ele os seus discípulos, disseram: Explica-nos a parábola do joio do campo. E ele respondeu: O que semeia a boa semente é o Filho do homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são os anjos. Pois, assim como o joio é colhido e lançado ao fogo, assim será na consumação do século. Mandará o Filho do homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão *na fogueira acesa; ali haverá choro e ranger de dentes*. Então, os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. (Bíblia Sagrada, Mateus 13.36-43)

Nesta parábola, as pessoas são classificadas de acordo com os alimentos, pois como também já conhecido no ditado popular, separar o joio do trigo representa separar os *maus* dos *bons*. Essas classificações são também observadas durante o

¹⁶ Bolinho de leite, açúcar, ovos e fermento, que é frito e também é conhecido por “grostoli” ou “orelha de gato”.

culto religioso, no ritual da Santa Ceia¹⁷, em que o pão é comparado ao corpo de Cristo e o vinho ao sangue.

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o Meu Corpo. E tomando um cálice, rendeu graças e deu-lho, dizendo: Bebei dele todos; pois isto é o Meu Sangue, o Sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados. (Bíblia Sagrada, Mateus 26, 26.28).

É neste momento de celebração que o alimento transforma-se em símbolo de dádiva, reciprocidade, comunhão, classificação, hierarquia e partilha na comunidade. É ali que a comunidade torna-se *um só corpo*.

Após o culto, as pessoas encaminham-se até o salão da comunidade, para partilharem o almoço. Sentam-se em longas mesas de madeira, onde é servido *meio galeto*, ou seja, porções correspondentes a uma metade de um frango (as aves são adquiridas de um abatedouro local), servidas pelos homens da diretoria da Igreja, que também vendem as bebidas, enquanto que as mulheres abastecem o buffet com pão e saladas.

A festa é organizada pelos membros da diretoria da Igreja. Durante esta celebração, não há música. Após o almoço, um membro da diretoria com uma *boa voz* – e auxiliado por demais membros homens da diretoria – faz o leilão dos produtos ofertados a Deus. A cada rodada do leilão, são geralmente agrupados três diferentes tipos de alimentos. As pessoas presentes fazem lances, gritando valores, enquanto o leiloeiro, no centro do salão, oferece os produtos, até que os lances se esgotam... depois do *dá-lhe uma*, *dá-lhe duas* e *dá-lhe três*, a última pessoa que apresentou um lance (o de maior valor) paga, adquirindo o direito de levar aquele lote de produtos para casa. É comum que o comprador tenha em casa, em quantidade suficiente, do mesmo produto, mas comprar algo no leilão é questão de honra para as famílias presentes, já que o dinheiro será revertido para a Igreja e *dar à Igreja é dar a Deus*. Temos aí, novamente, o princípio da reciprocidade com Deus. Como observa Lameiras (1997, p.223-224), em estudo realizado em contexto português, podemos para o caso em foco, compreender que

o sistema de prestações alimentares define-se por duas motivações: a necessidade de dividir alimentos com aqueles que são considerados como parte do próprio grupo; vontade de obter prestígio, demonstrando uma grande generosidade e ostentando uma riqueza, verdadeira ou falsa, muitas vezes constituída pela grande quantidade de alimentos oferecidos.

¹⁷ Momento em que os fiéis, em filas, dirigem-se ao altar e recebem das mãos do pastor um pequeno pedaço de pão e um gole de vinho, num cálice prateado do qual se serve a todos. É a partir da ceia que segunda a pastora “a comunidade torna-se um só corpo”.

É desse modo que entendemos esta festa comunitária como destinada a agradecer as graças concedidas pela intervenção divina pela comunidade. E assim, corroboramos com Marques *et al.* (2007, p.154), que apontam que “a vida social é plena de atos não inspirados pela expectativa de retribuição material, contudo impregnados de valores simbólicos que ressaltam a natureza relacional da sociedade”. Ofertar, compartilhar, comer, beber e festejar: nisso constitui a Celebração de Ação de Graças, ou Festa da Colheita, momento dedicado ao sagrado em que a vida coletiva é realimentada e em que expressam-se, de maneira expandida, as relações de reciprocidade e dádiva, presentes também no cotidiano.

Referências:

Bíblia Sagrada. Edição em Português. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>. Acesso em: 2 dez 2008

BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 26, 2006, p. 83-92.

CHAMPAGNE, Patrick. La fête au village. **Actes de la Recherche**, Paris, 17-18, p.73-84, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas, SP: Papius, 1989.

DA MATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, 15(7), p.22-23, 1987.

GAVIRIA, Margarita; MENASCHE, Renata. A juventude rural no desenvolvimento territorial: análise da posição e do papel dos jovens no processo de transformação do campo. **Estudo & Debate**, Lajeado, 13(1), p.69-82, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LAMEIRAS, Alberto. O alimento, a festa e as relações sociais: a festa de S. Sebastião numa aldeia de Barroso. **Revista de Guimarães**, Guimarães (Portugal), 107, p.219-242, 1997.

MARQUES, Flávia Charão; MENASCHE, Renata; TONEZER, Cristiane; GENESSINI, Alex. Circulação de alimentos: dádiva, sociabilidade e identidade. In: MENASCHE, Renata (Org.). **A agricultura familiar à mesa**: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1988. [1950]

MENASCHE, Renata; SCHMITZ, Leila Claudete. Agricultores de origem alemã, trabalho e vida: saberes e práticas em mudança em uma comunidade rural gaúcha. In: MENASCHE, Renata (Org.) **Agricultura familiar à mesa**: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

PEIRANO, Mariza. **Rituais**: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PEREZ, Lea Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (Org.). **A festa na vida**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEDESCO, João Carlos; ROSSETO, Valter. **Festas e saberes**: artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2007.

WAGNER, Saionara Araújo; MARQUES, Flávia Charão; MENASCHE, Renata. Agricultura familiar à mesa. In: MENASCHE, Renata (Org.). **A agricultura familiar à mesa**: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

WOORTMANN, Klaas. A comida, a família e a construção do gênero feminino. **Série Antropologia**, Brasília, 50, 1985.

_____. “Com parente não se negueia”: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, 87, 1990.